

**A HEROÍNA IDEALIZADA: UMA ANÁLISE
DA OBRA “IRACEMA”, DE JOSÉ DE ALENCAR**

Paulo Hernandes Gonçalves da Silva (UFT e IFTO)

paulohg@ifto.edu.br

Francisco Edviges Albuquerque (UFT)

fedviges@uol.com.br

RESUMO

Este artigo encontra alicerces na investigação de texto da literatura de primeira geração romântica brasileira. O principal objetivo foi descrever, à luz do nacionalismo e do indianismo, a personagem Iracema, protagonista da obra de mesmo nome, do escritor José de Alencar. O caminho metodológico percorrido se estruturou no conhecimento desse movimento literário, perpassando pela análise do discurso e da imagem existente na capa da obra, merecendo destaque a pesquisa bibliográfica com base na teoria e crítica dos estudos literários. Configurou-se como um dos resultados concebidos, a importância exercida pela literatura na compreensão das funções sociais femininas, a partir do século XIX, e que neste limiar, aquele da idealizada heroína, que protagoniza como uma mulher selvagem, tipicamente brasileira e com a perfeição compatível à natureza, à nossa fauna e à nossa flora.

Palavras-chave:

Heroína. Idealização. Indianismo. Mulher.

ABSTRACT

This article finds the foundations of the text investigation of Brazilian romantic first generation literature. The main objective was to describe, in the light of nationalism and Indianism, the character Iracema, protagonist of the eponymous work by writer José de Alencar. The methodological path taken was structured in the knowledge of this literary movement, passing through the analysis of the discourse and the image on the cover of the work, deserving highlight the bibliographical research based on the theory and criticism of literary studies. It was configured as one of the conceived results, the importance exerted by literature in the understanding of female social functions, from the nineteenth century, and that on this threshold, that of the idealized heroine, who stars as a wild woman, typically Brazilian and with perfection. compatible with nature, our fauna and our flora.

Keywords:

Heroin. Idealization. Indianism. Woman.

1. Considerações iniciais

A primeira fase do Romantismo Brasileiro compreendeu o período entre os anos de 1836 e 1852. Foi neste momento histórico conturba-

do, carregado de lusofobia, e, politicamente marcado pela regência e pela maioria prematura de Dom Pedro II, que o sentimento nacionalista se iniciou no Romantismo e fez surgir através do indianismo literário uma memória nacional, uma espécie de elo para a formação da identidade (BHABHA, 2007).

Nesta perspectiva, em se tratando de uma arte – a literatura – observa-se um misto de realismo e ficção, que serviria para criar um conjunto de tradições culturais locais, configurando-se como outro fator imprescindível para a afirmação nacional (OLIVEIRA, 2012).

Portanto, o presente artigo se justificou na análise da personagem Iracema da obra de José de Alencar, em que o foco está em sua condição de heroína. A idealização da personagem evidencia a predominância de uma mulher engradada à luz dos ideais nacionalistas e indianistas. Iracema é sempre associada com a natureza, e descrita em constantes comparações com a beleza exuberante das florestas brasileiras e das especificidades de sua fauna.

2. *Perspectivas da primeira geração romântica brasileira*

O romantismo propiciou o início da ruptura entre as literaturas brasileira e portuguesa, ou seja, emancipou a pendência linguística que nos aprisionava à tradição literária portuguesa, pela incorporação de peculiaridades vocabulares e sintáticas, de forma a buscar um ponto de vista nacional brasileiro (BOSI, 1994).

Ainda para Bosi (1994), ao mesmo tempo, pelas condições da população do Brasil, no início do século XIX, e pelas profundas diferenças entre o império brasileiro e a Europa burguesa, o romantismo impregnou-se de contradições que expressavam a situação de necessidade de rompimento profundo da corrente cultural e artística impostas, ou pelo menos de um processo de adaptação.

A este respeito, quanto à dependência europeia de nossa literatura, nota-se:

Apesar de a prosa romântica fosse basilarmente apoiada em fatos ficcionais, os romances que produzidos em terras brasileiras da época do romantismo foram subdivididos por temáticas. Entre as narrativas que eram produzidas, ou direcionadas na corte, levava-se o nome de “romances urbanos, e o que era produzido ou direcionado nas províncias, ou seja nos interior ou nas partes menos desenvolvidas naquela época eram chamados de “romances; regionalistas, ou históricos. Nessas narrativas era possível

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

notar como a vida no país era vislumbrada na filosofia e na estética do um socialismo utópico, pois a vida e as paisagens eram descritas e idealizadas pela, e para a nova classe que surgia, a burguesia. (FERREIRA, 2012, p. 8)

Assim, para Nunes (2011), predominavam o nacionalismo e o patriotismo, através da “descoberta” de aspectos característicos da paisagem local, nacional, tropical, em que se realçava o típico, o exótico e a beleza natural, exuberante, em oposição à paisagem e natureza europeias; tinha o surgimento da cor local brasileira, em sua essência e vivência cotidiana.

Nunes (2011) esclarece que na primeira geração romântica brasileira, o índio é apresentado e tratado como o elemento formador do povo brasileiro, como nas obras de Gonçalves Dias, José de Alencar e Gonçalves de Magalhães, face à peculiaridade e aceitação que o assunto apresentava aos leitores.

Ocorreu também uma forte religiosidade (oficialmente católica), que identificava as possibilidades da poesia romântica com o sentimento cristão, em oposição ao “paganismo” da poesia neoclássica ligada à tradição greco-latina, bem como por determinada influência das líricas portuguesa e medieval, mas que não foram as temáticas mais fortes do período (BERND, 1992).

Por sua vez, as especificidades apresentadas por Coutinho (2004), demonstram que a atuação romântica e indianista de ênfase fundacional da literatura brasileira ganharam destaque e abrangência enquanto produções. E assim, um dos escritores que apresentou produções com grande aceitabilidade no século XIX foi o escritor José de Alencar, uma vez que a partir dos romances indianistas, as construções simbólicas do bom e justo, de honra, pureza, heroísmo e coragem remetida ao índio, foram amplamente divulgadas e contextualizadas, face ao hábito de leitura, iniciado no Brasil, neste período.

Coutinho (1980), argumenta que a influência europeia exercida não foi suficiente para deter o nacionalismo presente na literatura, desde suas primeiras manifestações e que, graças a esse sentimento, voltado para o nacionalismo, essa adquiriu fisionomia através do poder criador dos poetas/escritores da época, que iam conquistando mais aptidão e talento a cada item escrito, e, assim, alcançou a maturidade, mais especificamente, no período da primeira geração do Romantismo, visto que uma das características essenciais dessa tendência era a valorização da natureza como fonte de inspiração e proteção.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Os estudos sobre a literatura brasileira propostos por Bueno (2002) evidenciam que o indianismo de José de Alencar se pôs plenamente a serviço de uma visão mitificadora de uma nova sociedade brasileira, uma vez que os seus personagens e enredos evidenciam a liberdade subserviente ao branco, o heroísmo e o sacrifício em virtude da origem do verdadeiro povo brasileiro.

3. José de Alencar: uma breve biografia do autor

A concepção de uma era romântica puramente burguesa e composta por aspectos contraditórios, torna possível notar que o romantismo mantém certa unidade em alguns aspectos, porém em outros, como nas diferenças entre as três gerações, ele é dualista, tendo como maior exemplo os autores da geração “ultrarromântica”, a qual era pessimista e desacreditava nos ideais patrióticos, ou no excesso de críticas visualizadas na geração “Condoreira”, porém, no romantismo, o indianismo foi o movimento marcado pela idealização da figura do nativo que se manteve estável tanto na poesia quanto na prosa (NETO, 2005).

Considerável força do indianismo brasileiro se deve ao escritor José de Alencar. Assim, para Guinsburg (2008), José de Alencar (nascido em 1829, e falecido em 1877) foi um romancista, dramaturgo, jornalista, advogado e político brasileiro. Foi um dos maiores representantes da corrente literária indianista. O principal romancista brasileiro da fase romântica, Alencar foi escolhido por Machado de Assis para patrono da Cadeira nº 23 da Academia Brasileira de Letras.

Sobre sua grandiosidade enquanto ser humano e escritor, observa-se que:

Dentre todos os escritores da era romântica no Brasil, um dos mais notáveis, quiçá o mais importante de todos seria José Martiniano de Alencar Júnior, ou simplesmente José de Alencar. Esta cearense que nasceu em 1829, em Mecejana, um lugarejo na periferia de Fortaleza, foi o primeiro a criar um programa de identidade nacional a partir da literatura, apesar de também ter sido jurista, filósofo do direito e político. Com apenas um ano de idade, Alencar muda-se para o Rio de Janeiro acompanhando os seus pais, pois o seu pai acabara de ser eleito – senador do Império do Brasil. Porém a moradia na capital fluminense demorou pouco tempo, porquanto oito anos de idade o jovem voltou a morar na capital cearense quando o seu pai foi eleito governador daquele estado. Foi no período de sua infância que Alencar conviveu com a natureza exuberante daquele lugar. Foi com o conhecimento das leituras e peças de grandes obras francesas que, Alencar, morando na cidade de São Paulo, enquanto

estudava direito tornou-se um ambicioso e promissor escritor pronto a estrear nas letras da jovem nação. Em 1854, após formar-se em direito Alencar vai morar na capital fluminense e começa a escrever no rodapé de um jornal. (FERREIRA, 2012, p. 6)

Ainda para Ferreira (2012), é possível observar a interação da imprensa com o público leitor e perceber a contribuição desse veículo midiático para com a formação do público leitor, pois foi com a impressão dos folhetins, tipo de publicação “importada” da França que grandes obras da nossa literatura começaram a publicar no Brasil. Foi na intenção de atrair leitores aos jornais que Alencar começou a escrever esses romances que eram um tipo de brinde aos leitores do jornal.

Nesta perspectiva, para a Academia Brasileira de Letras (ABL, 2019), a obra de José de Alencar é da mais alta significação nas letras brasileiras, não só pela seriedade, ciência e consciência técnica e artesanal com que a escreveu, mas também pelas sugestões e soluções que ofereceu, facilitando a tarefa da nacionalização da literatura no Brasil e da consolidação do romance brasileiro, do qual foi o verdadeiro criador. Sendo a primeira figura das nossas letras, foi chamado “o patriarca da literatura brasileira”. A sua produção provoca admiração não só pela qualidade, como pelo volume, se considerarmos o pouco tempo que José de Alencar pôde dedicar-lhe numa vida curta, pois veio a falecer no Rio de Janeiro, de tuberculose, aos 48 anos de idade.

4. *A obra Iracema: análise da idealização da heroína*

O sentimento de nacionalismo e o amor à pátria foi algo que ocorreu entre os poetas e escritores da primeira geração romântica brasileira, datada de 1836 a 1852, baseando-se no binômio nacionalismo-indianismo, e por isso, esse sentimento de apreço pela nação estende-se em outras obras, como no caso de Iracema de José de Alencar (lançada em 1865).

Nota-se que essa compreensão discursiva revela a importância em se apreender o sentimento nacional oriundo do passado indígena, os costumes e as tradições que se apresentarão ao povo brasileiro. Indaga-se com convicção as imagens construídas pela selvageria e crueldade, nelas se percebe a luta pela harmonia do índio bom e idealizado, romantizado na narrativa que não deixa de ser poética, como neste caso específico da personagem Iracema (COSTA, 2005).

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Segundo Costa (2005), o romance *Iracema* apresenta visibilidade às relações entre índios e brancos portugueses. A intervenção do branco colonizador acontece sutilmente no ambiente indígena. O fascínio pelo outro se revela na imagem amorosa e nos contatos conflituosos entre os dois polos, no entanto, essas relações inclusive sugerem a harmonia entre o indígena e o não-indígena.

Nesta perspectiva, a beleza da mulher indígena que encanta o colonizador europeu é evidenciada a partir da capa do livro, configurando-se como instrumento memorável na formação do leitor, consoante ao que se observa na figura 1.

Figura 1: Obra *Iracema*.



Fonte: Ática, 2019.

Os detalhes apresentados na figura 1, capa do livro em questão, traz alguns elementos da natureza brasileira que são exaltados simbolicamente, da mesma forma, que a melancolia junto ao sentimento de saudade acentuam mais ainda a simples composição estética, consagrando-a na poética romântica e nacionalista.

De acordo com Coutinho (2004), observa-se que *Iracema* é a típica mulher indígena, virgem, sagrada e guardadora do segredo de seu povo, e nessa perspectiva, enquanto gênero, mostra-se mulher servil e submissa, e mesmo passando pelo envolvimento amoroso com o

português não foi submetida a um processo intenso de aculturação, num abismo de contradições, conforme a seguir:

Assim, fascínio, dependência e negação são contradições que podemos perceber nos escritos do período romântico, principalmente nos romances indianistas de José de Alencar, nos quais o índio aparece miticamente ligado ao mais remoto passado brasileiro, tomando-se, deste modo, Revista Eletrônica Fundação Educacional São José 9ª edição ISSN: 2178-3098 símbolo da origem do povo. Este, tendo recebido ascendência nobre e bela, pode então ser apresentado à altura dos heróis europeus, modelo do qual se poderia orgulhar. No romance indianista de Alencar, Iracema, lenda do Ceará, a união da bela e pura Iracema com o nobre guerreiro Martim garantiu, à gênese do povo brasileiro, esta imagem. A valorização, através da literatura, de sua linguagem e de suas tradições, além da exaltação de sua bravura e beleza, serviu para fundar uma imagem positiva para a nação brasileira, tornando-a apta e digna de se projetar internacionalmente. (OLIVEIRA, 2012, p. 3-4)

À luz da figura da capa do livro, bem como nos preceitos de Barbieri (2013), observa-se que Iracema foi o marco histórico da idealização da figura feminina na literatura brasileira. Esta representava a cultura indígena e a submissão da mulher ao homem, exercendo papel de esposa e mãe. Ela representa a natureza e a colonização. Numa perspectiva ficcional, ela é a mistura de lenda com ficção, pois no texto há a presença de dois heróis, Iracema e Martin.

Alencar idealiza de tal forma a imagem feminina que a personagem Iracema representa, além da sensibilidade e beleza indígena, a própria história do Brasil, da relação europeia/indígena na construção histórica das nações. Para muitos estudiosos, até o próprio nome Iracema, representa a palavra América, considerando-se a fusão dos elementos e a formação e caracterização da mistura dos povos indígenas e europeus (SILVA; CORREIA, 2017).

Conforme Fernandes *et al.* (2016), a evocação com imagens e impressões da exuberante natureza brasileira, que merecem destaque, por serem cenários de importantes acontecimentos no livro, são, dentre outros, o campo dos tabajaras, onde fica a taba do pajé Araquém, pai de Iracema; a taba de Jacaúna, na terra dos potiguaras; a praia em que vivem Martim e Iracema e que também é o local onde nasceu Moacir.

O filho de Iracema representa no romance a terra conquistada, as tradições do povo e abarca todas as facetas da evolução nacionalista do Brasil (ALENCAR, 2012). Sob a história, ao mesmo tempo, romântica e trágica da protagonista Iracema, representante do Brasil, que é coagida a mentir ao pai e, em consequência disso, quebra o voto sagrado se

entregando a Martim – uma analogia da Europa e do colonizador –, luta contra seus próprios irmãos e atrai para si a morte e a destruição, ocultam-se vários aspectos ideológicos (FERNANDES *et al.*, 2016).

A figura feminina é, portanto, idealizada e não somente reproduzida. O amor do romancista, segundo Silva e Correia (2017), é angelical, puro, idealizado; a mulher é vista como um ser intocável, um anjo, símbolo da perfeição, a mais bela e virgem, havendo assim, a idealização da figura feminina. Iracema, a virgem dos lábios de mel, para tanto, caracteriza o retrato da figura feminina na obra literária de Alencar, predomina um estilo romântico, a idealização da mulher e do amor, em que o autor realça o seu lirismo amoroso.

Por sua vez, para Fernandes *et al.* (2016), o pecado da personagem, a sacerdotisa de Tupã, consiste em ceder a sua virgindade ao guerreiro português Martim, que é uma analogia da Europa, do colonizador. A partir desse momento ela transfere todo o poder que detinha para o estrangeiro e atrai para si toda a responsabilidade do ato e toda a maldição de seu deus. O encontro de Iracema e Martim representa o encontro do bem da natureza com o bem da civilização, um considerado puro em relação ao outro. Eles se integram para formar uma nova nacionalidade.

Nesta perspectiva, conforme Silva e Albuquerque (2018, p. 342), “o mundo da literatura traz a prerrogativa de muito se esmiuçar o sujeito e os personagens de uma narrativa, uma vez que se tem o ‘decifrar’ das ações humanas no mundo literário e no mundo real”, consoante ao que se desvenda sobre a estética indígena na obra Iracema.

A figura do índio corporificou esse ideal e ocupou o lugar desse herói corajoso e valente e toda essa valorização dada ao autóctone contribuiu para o surgimento de uma literatura mais predominantemente nacional, por manifestar a sensibilidade e a visão brasileira das coisas. O indianismo foi um fator que se iniciou e permaneceu durante todos os tempos da literatura brasileira e o ideal em busca da nacionalidade encontrou no indígena a sua convicção primordial, seus costumes e lendas (FERNANDES *et al.*, 2016).

5. Considerações finais

Ao finalizar este artigo, concluiu-se que o Romantismo foi muito mais que literatura, foi um movimento artístico e filosófico que cultivou

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

uma visão de mundo centrada no indivíduo, e portanto os autores voltavam-se para si mesmo, retratando dramas pessoais, e portanto, tem-se uma arte voltada para o lirismo, a subjetividade, a emoção e a valorização do “eu”.

Com base em Bosi (1994), observou-se que no Brasil, em especial pelo fato marcante que foi a Independência, em 1822, a primeira geração romântica consistiu na exaltação da pátria e do indianismo, tão bem afigurado por José de Alencar.

A literatura indianista, presente na obra *Iracema*, apresentou uma valorização do vocabulário típico do brasileiro. Por meio da exaltação à natureza e à liberdade, os românticos produziram textos em que o índio configurou-se como o herói nacional.

Outro aspecto conclusivo, diz respeito à beleza feminina representada pela exuberante *Iracema*, a índia de cabelos longos e negros, ou seja, a mulher simbolizava a natureza, forte, pura, guerreira. E, portanto, segundo Coutinho (2004), o conceito de indianismo no romantismo brasileiro seria que, os poetas visavam o índio como modelo ideológico e selvagem, um ser puro sem maldades, sem ambição ou qualquer interesse em adquirir riqueza.

Assim, *Iracema*, para Ferreira (2012), é a autêntica personagem indianista, que por ser um ser fictício, simboliza como a imagem, como a palavra que tem a possibilidade de descrever e animar ambientes, paisagens e objetos de uma realidade puramente brasileira.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABL. Academia Brasileira de Letras (2019). *Biografia de José de Alencar*. Disponível em <http://www.academia.org.br/academicos/jose-de-alencar/biografia>, acesso em 05nov2019.

ALENCAR, J. de. *Iracema*. 3. ed. São Paulo: Ática, 2012.

ÁTICA. Editora Ática S.A. Literatura clássica. Disponível em <https://www.estantevirtual.com.br/editora/atica> Acesso em 01set2019.

BARBIERI, I. *Iracema – contemporâneo da posteridade?*. São Paulo: Realizações, 2013.

BHABHA, H. K. *O local da cultura*. Trad. de Miriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: UFMG,

2007.

BERND, Z. *Literatura e identidade nacional*. Porto Alegre: UFRGS, 1992.

BOSI, A. *História Concisa da Literatura Brasileira*. 34. ed. São Paulo: Cultrix, 1994.

BUENO, E. *Brasil: uma história*. São Paulo: Ática, 2002.

COSTA, C.B.da. José de Alencar: memórias e canto indianista. In: *Labyrinth*, Revista Eletrônica do Centro de Estudos do Imaginário – UNIR. Disponível em: <http://www.unir.br/cei/artigo63.htm>. Acessado em 31 out. 2019 (2005).

COUTINHO, A. *Era Romântica*. V. 3, parte II / Estilos de época. 7. ed. São Paulo: Global, 2004.

COUTINHO, A. Do barroco ao rococó. In: COUTINHO, A. *Introdução à literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.

FERNANDES, A. O.; ALVES, L. M. N. ; DIAS, V. F.; AZEVEDO, I.M. de. A Representação do Índio na obra IRACEMA de José de Alencar. In: *II Congresso Internacional Internacional de Linguística e Filologia & XX Congresso Nacional de Linguística e Filologia*, 2016, Rio de Janeiro. Cadernos do CNLF. V. XX. p. 25-39. Rio de Janeiro: CIFEFIL, 2016.

FERREIRA, J. F. V. *Romantismo: A formação da literatura brasileira*. Revista Vozes do Vale: Publicações acadêmicas, 2012.

GUINSBURG, J. (org). *O Romantismo*. 4. ed. 2. reimp. São Paulo: Perspectiva, 2008.

NETO, A. B. S. *A Filosofia do Romantismo*. Maceió: EDUFAL, 2005.

NUNES, B. A visão romântica. In. GUINSBURG, J. *O Romantismo*. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2011.

OLIVEIRA, R. C. M. Literatura e identidade nacional: desafios do Romantismo e Modernismo brasileiros. In: *Revista Eletrônica Fundação Educacional São José*, 9. ed. ISSN:2178-3098. 2012.

SILVA, J. J. da; CORREIA, M. das G. S. A idealização da figura feminina na obra iracema de José de Alencar. 2017. In: *Revista Litcult da Universidade Federal de Alagoas*. Disponível em <https://litcult.net/> , acessado em 03nov2019. (2017).

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

SILVA, P. H. G.; ALBUQUERQUE, F. E. A perspectiva dos sentimentos de inferioridade e inveja: uma análise da literatura contemporânea no conto “Dois velhinhos”, de Dalton Trevisan. In: *Revista Philologus*, v. 72, p. 333-343. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2018.